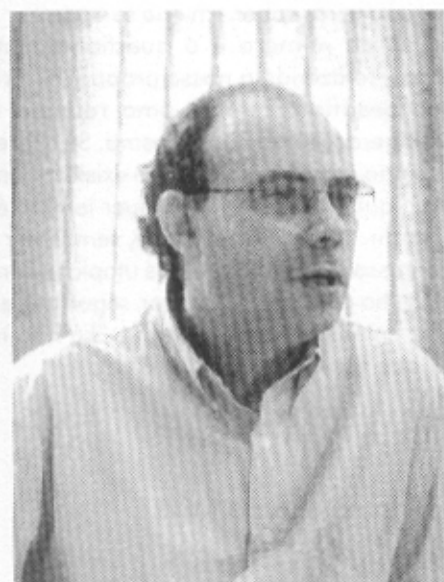




Entrevista: Bernardo Jablonski

DA REVOLUÇÃO AO REFRIGERANTE

FERNANDA NEVES, JOANA LESSA, LUCAS PARAIZO GARCIA E MARIANA RITTO



O mito do ano 2000 está cada vez mais próximo. Neste momento, coexistem gerações que se diferenciam pelo modo de pensar, agir e sentir. O século XX foi marcado pela quebra de tradições e por transformações definitivas. A geração de jovens que encerra este século, acostumada à Internet, telefone celular e ao computador, é constantemente questionada quanto aos seus valores e crenças. O cantor e compositor Renato Russo, um ícone das últimas gerações, afirmou: "Somos os filhos da Revolução, somos burgueses sem religião. Geração Coca-cola". A geração dos jovens que encerra o milênio não é mais geração Coca-cola. Então, como defini-la? Pensando nesta proposição, decidimos investigar esta geração, da qual fazemos parte, através do pensamento de quem lida com a questão, seja no convívio profissional ou em pesquisas sobre o tema.

Bernardo Jablonski, Doutor em psicologia social, professor do Departamento de Psicologia da PUC, professor de teatro e consultor da *Rede Globo* de televisão, respondeu a algumas questões que os próprios agentes da geração em questão não conseguem responder. Afinal, é preciso um mínimo de relativismo para fazê-lo. Preocupado em refletir sobre tudo aquilo o que é dito sobre os jovens de hoje, Jablonski traça uma visão no mínimo diferente desta geração que ele prefere chamar de *fim de milênio*.

ECLÉTICA – Durante a escolha da

pauta desta edição, os editores, junto com os articulista e repórteres chegaram a um impasse: que geração é essa que cresceu na década de 90. Coca-cola ou Coca-light?

B. Jablonski – Na verdade, a Coca-cola está aí há muito tempo para servir de batismo para uma geração. Tivemos a Geração X, a Baby Boom, depois da Guerra, a Canguru, etc... Acho que o batismo é o de menos, mas eu hesitaria em chamar de Geração *Coca-cola*. Acho que é uma geração fim de milênio, anos 90. Mas acho o nome *Coca-light* interessante, até porque o que caracteriza seu consumidor

é o bordão "prazer sem culpa", pois o refrigerante normal engorda, dá celulite, enquanto a *Coca-light* não. Ao mesmo tempo, é muito difícil generalizar um país tão desigual quanto o Brasil. Estamos falando da classe média dos grandes centros urbanos, embora seja inegável que exportemos valores.

ECLÉTICA – Como então o senhor definiria uma geração? Qual seria o conceito de geração e as "características necessárias" para formá-la?

B. Jablonski – Nas décadas anteriores, as coisas mudavam

muito lentamente. Geração no sentido técnico seriam os filhos e o grupo deles. Depois a outra geração seria a dos netos e assim por diante. Só que hoje em dia, as mudanças são muito rápidas. Entre um irmão e outro já há um corte. Hoje se fala mais de geração no sentido figurado. Os hábitos, os costumes, maneiras de agir, sentir e pensar, que caracterizam determinado grupo. E não necessariamente uma geração. Recentemente, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou no caderno Mais! uma pesquisa feita pelo DataFolha sobre família que falava sobre a geração dos anos 90. Eles afirmam que o estereótipo do jovem avançado sofreu uma reversão. Aquele jovem libertário do final dos anos 60, início dos anos 70, deu um passo para trás. Até no sentido de um maior conservadorismo. Detectaram aí, que a maioria dos jovens, por exemplo, são contra aborto, gravidez fora do casamento, que valorizam a fidelidade. Esta última até se entende por causa da Aids. Hoje, trair o parceiro tem dois sentidos. Trair não é apenas sair com outra pessoa, mas arriscar contrair uma doença.

ECLÉTICA – Quais as diferenças que o senhor enxerga, comparando a geração dos anos 90 e as anteriores?

B. Jablonski – O individualismo, principalmente. Ele veio crescendo muito rapidamente. Antigamente, se dependia muito mais da família. Hoje em dia não. Temos farmácia, escolas, restaurantes, microondas, você pode comer o que quiser na hora que quiser. O individualismo foi um divisor de águas. Os jovens de hoje são muito mais individualistas do que os dos anos 60 e 70. Cada um tem uma televisão no quarto, seu próprio aparelho de som, seu telefone...

Cazuza já dizia, ideologia, eu quero uma para viver. Este problema não havia na minha época. Nós tínhamos uma ideologia. Hoje em dia, qual é a ideologia do

jovem brasileiro? Sobreviver, arranjar um bom emprego, um companheiro, ter sucesso. A preocupação social que existia se esvaiu. Acho que a característica desta geração, já que vocês falaram da *Coca-cola*, é que cada um tem a sua própria latinha.

Eu observo também algumas contradições. Os jovens são individualistas, mas querem casar. Querem casar mas não querem continuar casados. Querem fazer sexo, mas têm limitações. Caetano Veloso afirmou sabiamente: "nós realmente não sabemos onde colocar o desejo". É claro que toda geração tem contradições. A diferença é que esta geração dos anos 90 é mais marcada por contradições internas do que as anteriores. Isso gera uma perplexidade, uma dúvida.

A característica desta Geração Coca-cola é que cada um tem sua própria latinha

Nas minhas pesquisas no Instituto de Psicologia da UERJ, por exemplo, todos os jovens querem se casar e todos acreditam que o casamento vai durar para sempre. Mas quando olham ao redor, percebem que a maioria dos casamentos está mal. Mas acreditam que o seu terá sucesso. Como? A pessoa é obrigada a conviver com a contradição. Cinquenta por cento dos casamentos hoje em dia, nos grandes centros urbanos, terminam em separação. Você iria a um restaurante que serve metade dos pratos estragados? Ou a um médico que errasse metade de seus diagnósticos? Mas o jovem continua casando. Na verdade, estão caminhando para uma *monogamia serial*. O que isso quer dizer: o jovem casa, tem filhos, vive quatro ou cinco anos com o parceiro, separa, casa de novo, mais filhos, separa e assim sucessivamente. Mesmo

assim, o jovem acha que o relacionamento vai durar para sempre. Do contrário, não se casaria.

ECLÉTICA – O desenvolvimento tecnológico provocou (ou pelo menos incitou) este individualismo de que estamos falando. Internet, TV a cabo, telefone celular. Onde o senhor acha que vai chegar esta geração?

B. Jablonski – Acredito que, como todas as outras gerações, essa vai sobreviver se ajustando. Como as mudanças alteram o comportamento e a velocidade das informações é muito grande, a geração vai se adaptando aos poucos. Não sei onde esta geração vai chegar, se soubesse iria até Estocolmo buscar o prêmio Nobel da Paz (risos). O que posso dizer, é que, segundo o resultado de algumas pesquisas que fiz, curiosamente, os jovens dos anos 90 são mais determinados, persistentes, buscam autenticidade, são inseguros, e ao mesmo tempo otimistas e têm uma preocupação exacerbada com a auto-estima.

ECLÉTICA – É inevitável comparar esta geração com aquela das décadas de 60 e 70 que lutou contra a ditadura militar. Afinal é a geração dos nossos pais. A impressão hoje, é de uma certa estagnação com relação à História. Será que a nossa geração é formada apenas por agentes passivos dos acontecimentos?

B. Jablonski – São momentos diferentes. A geração dos anos 70 tinha certezas, e a geração de hoje tem dúvidas. Isso não quer dizer que a geração dos anos 90 seja passiva. Ela tenta o caminho individual, que é, na minha opinião, o mais difícil. Toda geração acha que vai mudar o mundo. Veja a minha geração, por exemplo: talvez a gente ache que tenha feito muito mais do que fez. Pintamos de dourado o que era cinza. A memória é traiçoeira. Ela é muito mais reconstrução do



Os jovens estão procurando na rua o que supostamente teriam em casa: afeto, proteção, solidariedade. Daí a valorização dos amigos e o sucesso de séries como *Friends* e *Seinfeld*.

que rememoração. De setenta para noventa, o socialismo caiu com o muro. Quando tinha, não ficávamos em cima, mas de um lado ou de outro. Hoje, que não há muro, para espanto, estamos em cima de um muro inexistente. Mesmo assim, não se deve condenar uma geração, o que é sempre o caminho mais fácil. Temos que tentar entender e sermos mais tolerantes.

Neste ponto, acho que a geração anos 90 é até bem mais tolerante do que as anteriores. Há uma maior aceitação das formas alternativas, como o homossexualismo, por exemplo. Não adianta só criticar. A geração dos anos 60 e 70 também tem muitos erros. O que se ganha com uma mera condenação? Precisamos entender quais são as forças sociais, econômicas e culturais que estão levando a esta situação. Veja os dois principais filmes que concorreram ao Oscar de melhor filme estrangeiro este ano: *Central do Brasil* e *A vida é bela*. Nos dois filmes o importante é a figura do pai, uma preocupação constante desta geração. No *Central do*

Brasil estão à procura de um pai, e em *A Vida é bela*, aquele pai não existe de tão idealizado. Por que dois filmes falando de pais marcaram tanto? Pois este é um problema nosso, um problema que os jovens estão enfrentando. Muito maior do que qualquer fato histórico hoje. O pai não está mais em casa. A mãe saiu de casa e ele ainda não voltou. A arte é um reflexo.

Acredito que a arte, muito antes da psicologia e da psiquiatria diz na cara o que está acontecendo. Os jovens estão procurando na rua o que supostamente teriam em casa: afeto, proteção, solidariedade. Daí a valorização dos amigos e o sucesso de séries como *Friends* e *Seinfeld*.

ECLÉTICA – O psicanalista Juandir Freire Costa acredita que hoje a família não precisa ser necessariamente nuclear (com pais biológicos). Num artigo escrito para o jornal *O Globo* no mês de novembro sobre o filme *Tudo sobre minha mãe*, de Pedro Almodóvar, o senhor voltou a este assunto. Ali (e também na resposta anterior), o senhor disse que os

jovens estão buscando afetividade fora de casa. Onde está esse refúgio?

B. Jablonski – Quando a família era extensa, o afeto era diluído. Hoje em dia as famílias são menores e o parceiro tem que ser companheiro, amante, pai, mãe, filho, tio, analista... Nenhuma mulher ou homem é capaz de preencher isso, mas continua a necessidade. Talvez, possa se encontrar, em parte, no que sobrou da família, nos amigos, nos terapeutas. Tudo isso é muito novo. Pode ser que nos próximos anos, discutindo sobre esta geração anos 90, a gente chegue à conclusão de que ela se virou bem. Pode ser que um problema hoje possa ser visto como uma solução interessante.

ECLÉTICA – Os jovens de hoje são os herdeiros da revolução sexual. Há, ao mesmo tempo, um avanço das doenças sexualmente transmissíveis. Será que esta liberdade foi demasiada?

B. Jablonski – A Revolução Sexual foi boa, mas não cumpriu todo o seu objetivo. As vezes, racionalmente você está com a cabeça resolvida, mas emocionalmente ainda tem toda a carga de preceitos morais religiosos. E esta geração ainda teve a má sorte de encontrar a Aids pela frente, o grande vilão da geração. Por outro lado, surgiu o "ficar com" que as gerações anteriores olham babando de inveja. Nestas pesquisas sobre psicologia social da UERJ, constatei que as meninas ainda têm medo de andar com a camisinha na bolsa pois podem ser apontadas pelos meninos como "fáceis", não servindo para namorar. Então o que elas fazem: preferem proteger a imagem do que a vida. Infelizmente os índices de relação sexual com camisinha ainda é muito baixo. Mas não é nenhum tipo de eletiva (risos). Falando sério, temos que nos dar conta de que esta idéia que a mídia propaga de que todo mundo transa, da geração liberta, não é verdadeira. ◀